

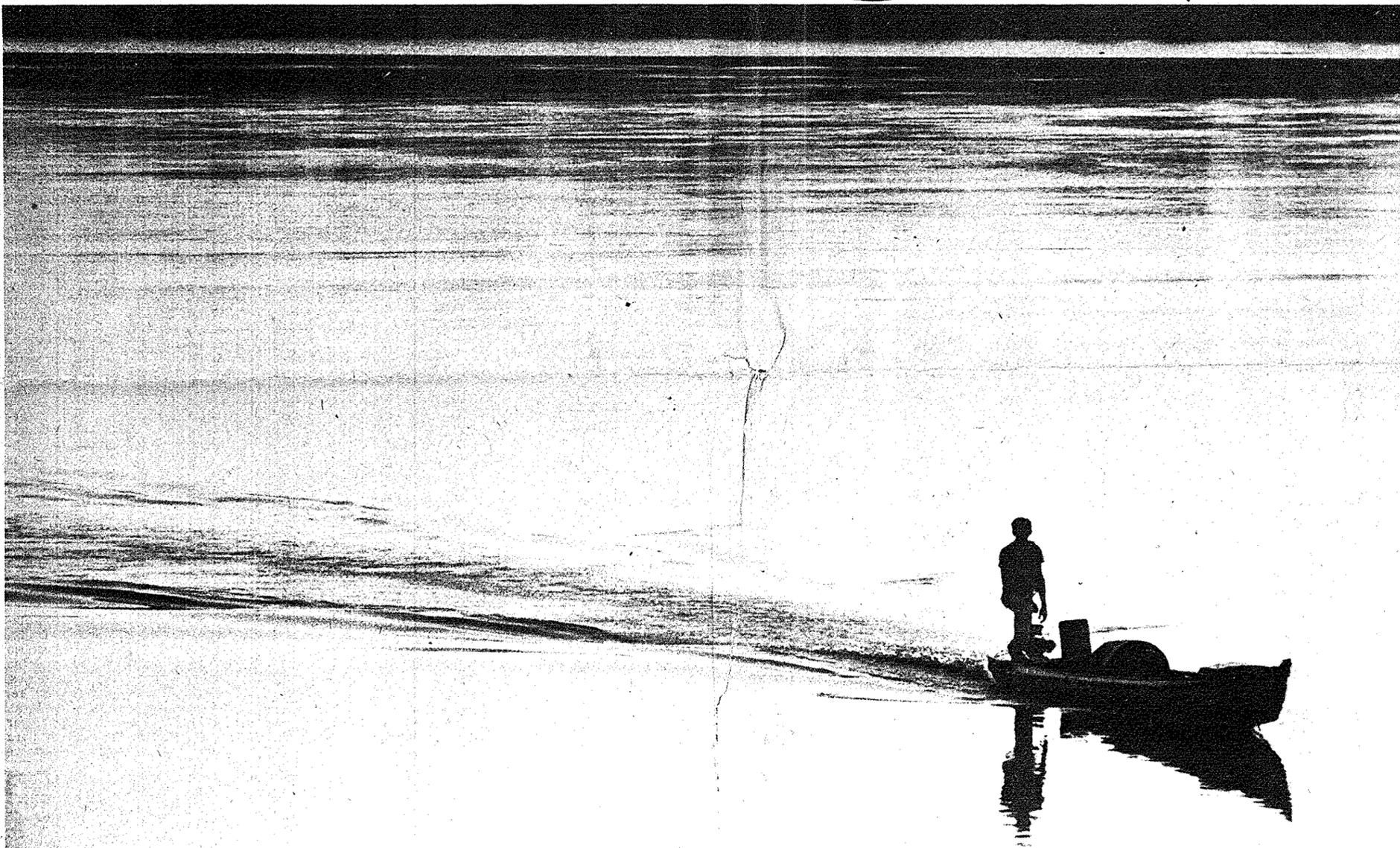


O pioneiro chega, abre clareiras, constrói sua casa, cria uma nova vida. A selva está conquistada.

Assuntos
Brasileiros

A conquista começa com os mateiros, que usam os rios para chegar a um ponto qualquer da selva. Dali, com machados, foices e facões, eles invadem a mata, fazendo uma picada, quase um túnel. Muitos quilômetros depois, abrem uma clareira, queimam árvores e preparam uma pista de pouso. Começa a nascer uma fazenda amazônica. Termina aqui a reportagem de Ewaldo Dantas Ferreira, com fotos de Rolando de Freitas.

AMAZÔNIA



Quando passarem por ali, as estradas vão encontrar a terra já ocupada: em toda aquela região que se estende entre os vales do Tocantins e do Xingu, existem hoje 251 grandes fazendas de criação de gado. Fazendas que não existiam até há cinco anos, quando a região era apenas mata fechada.



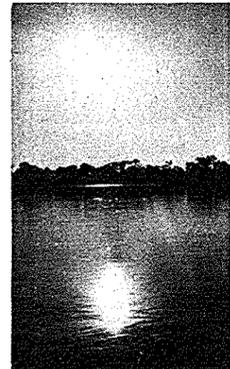
A ocupação se fez rapidamente, a partir de 1966. Foi nesse ano que começaram a chegar os fazendeiros, vindos de São Paulo, do Mato Grosso, do Paraná, de Minas. Todos eles tinham ajudado a "abrir" seus Estados; agora, iam começar a abrir a Amazônia. O seu primeiro trabalho foi derrubar árvores, fazer picadas na mata, construir casas. Tudo deveria estar pronto para a chegada dos primeiros bois.

As boiadas também vieram do Sul, em longas caminhadas; agora, há 5.000 bois subindo as estradas que levam às fazendas da Amazônia. Onde havia matas, há pastos para recebê-los.



Com as boiadas, os homens continuam chegando à bacia amazônica. Para ocupá-la. Os fazendeiros constroem casas de muito conforto, hospitais, lojas, escolas; abrem novas estradas para levar a carne aos grandes centros do País. O homem está se fixando à terra, e esta é a forma real de conquistá-la em definitivo.

A partir de 1966, a conquista começou a ter apoio oficial, através dos incentivos fiscais e da Sudam, criados em outubro daquele ano.



Assuntos
Brasileiros



A Amazônia brasileira, definida por lei em 1966, tem uma área de 5.057.490 quilômetros quadrados. É mais da metade do território brasileiro.

GADO, PEÕES E APARTAMENTOS DE LUXO.

Houve uma grande festa para a inauguração do trecho da estrada BR-80 que atingiu o rio Xingu. Depois da festa, o programa determinava que um ministro de Estado e mais trinta pessoas de sua comitiva, de retorno à Brasília, deveriam pernoitar numa fazenda. Para isto, foi escolhida a Fazenda Duas Âncoras, porque era capaz de abrigar trinta pessoas com mais do que conforto, com luxo.

A Fazenda Duas Âncoras, no centro de 20 mil hectares de terra, tem uma sede monumental com muitos apartamentos. É de construção moderna e acabamento requintado. Fica em frente à enorme pista de pouso para aviões. Ao lado da pista há uma avenida iluminada com postes de luz de mercúrio e instalações subterrâneas de fios. Toda a sede foi construída com materiais trazidos de São Paulo em caminhões que, no tempo bom, demoravam oito dias para fazer o trajeto.

Quinze famílias fixas residem na sede e, no tempo da derrubada, a fazenda emprega em média seiscentos e cinquenta homens. Está com cinco mil e oitocentas cabeças de gado Nelore.

O administrador e sócio proprietário da fazenda, Weber Morosini chegou na Amazônia em 1959. Naquê tempo, o seu trajeto entre Aragarças e o local da fazenda foi feito em oito dias; hoje, ele pode ser feito em seis horas.

Weber Morosini é um homem realizado. Mora num enorme apartamento, na mais luxuosa sede da fazenda da bacia amazônica. Ela foi construída inteiramente em 1964, antes do aparecimento dos incentivos fiscais.

Weber Morosini tem um sonho: comprar uma boa máquina de filmar, de 16 milímetros, e bastante filme colorido. Quer fazer, ele mesmo, um filme sobre a vida na fazenda. Quer contar toda a aventura de sua existência, até chegar aos dias de hoje: a fazenda de um homem realizado. Até já tem idéias para o roteiro: "Começa

no início do acampamento, aqui em frente. Os barrancos, o jeito de morar; de dormir nas camas feitas de varas, a abertura dos pastos; o início do roçado na mata, a queimada".

"A queimada, — continua Weber — é o belo horrível. Impossível descrever o estrondo. Barulho de trovão. Labaredas atingem 30 e 40 metros de altura, formando rodamosinhos na ventania".

"Depois, início do plantio do capim. A construção das casas. Côchos, currais provisórios. Até a primeira vaca que chega. Ai eu quero que o filme acompanhe a cria. O nascimento, a vida do bezerro cheia de alegria até o ponto de deixar a fazenda. O peão se familiariza com o boi".

"Depois a câmara volta às instalações, à sede. A vida na sede. No começo do dia os peões que se levantam e vão tocar a tropa. Ai, eu focalizo o peão, o jeito dele. E preciso ver o peão. Ele grita com a tropa. Quando ele chega, todas as reses se preparam e se encostam na cerca e ficam olhando de frente para o peão, aguardando a separação.

"Os peões preparam seus cavalos, encilham. Saem para as pastagens. Uns vão correr os setores de maternidade, outros vão para o gado de cria, gado de engorda. O capataz orienta o peão para ver a internada. Se é época de desmama, tem de tratar dela. Trazem tudo para o curral: a separação dos machos, das fêmeas. As reses recebem o carimbo com o ano do nascimento na face esquerda".

"Quero focalizar bem a vida da fazenda. A vida das famílias. Diversão, não tem. Na beira do rio, há uma vila, a Pindaíba. Dia de festa para o colono é dia de ir à cidade da Barra do Garça, fazer compra. Fica uma beleza filmar isto".

Weber Morosini está entusiasmado com o seu projeto: "Quero fazer o filme este ano. Já filmei muita caçada. Peguei cenas interessantes. Exemplo: a ema nadando. Maravilha. Tudo aqui é maravilha".



"Maravilha. Tudo aqui é uma maravilha".

OS GRANDES FAZENDEIROS DE SÃO PAULO MUDARAM-SE. ESTÃO NA SELVA.

Um dia, Nicolau Lunardelli pegou um avião e foi comprar terras no sul do Pará. Como pioneiro, ele chegou em segundo lugar: já havia um paulista lá.

"Vou ver umas terras no Sul do Pará". Nicolau Lunardelli disse isso no meio de um grupo de fazendeiros de São Paulo. Todos riram. Lunardelli pegou um aviãozinho e subiu pelo Brasil Central. Voou entre o Xingu e o Araguaia, entre o Araguaia e Tocantins, e acabou num posto acidentado, numa picada no meio da mata do Sul do Pará. Havia ali uma pequena pista de pouso, numa gleba posta à venda.

O Bonanza quebrou a bilheta no pouso. Um homem que o acompanhava foi buscar socorro. Saiu a pé e foi até uma cidadezinha chamada Conceição do Araguaia, na beira do rio, muito acima da Ilha de Bananal. Cento e vinte quilômetros de marcha. Levou oito ou dez dias. Lunardelli e o corretor que

lhe fôra mostrar as terras ficaram na mata. Acamparam como era possível, até chegar o socorro. Veio socorrê-los, pilotando um avião emprestado, o vigário de Conceição do Araguaia, que atualmente é o bispo de Goiás Velho, d. Thomaz. Nessa semana de espera, Lunardelli viu bem a mata, conheceu bem a terra. Pegou o avião de volta e foi fechar o negócio: comprou as terras.

Lunardelli é de família de fazendeiros, pertence a um grupo numeroso de paulistas que já abriram, tempos atrás, a zona da Noroeste, em São Paulo. Depois abriram o Norte do Paraná e, mais tarde, o Sul de Mato Grosso.

Mas, quando chegou ao Sul do Pará, Lunardelli já encontrou outro paulista em terras pouco acima das suas: João Lanari Duval. Há pouco tem-

po, os fazendeiros de São Paulo, reunidos pela "Associação dos Empresários Agropecuários da Amazônia", promoveram um banquete em homenagem a João Lanari Duval. É que ele foi o primeiro da longa lista dos que saíram de São Paulo para abrir a Amazônia.

Lanari Duval veio de Ribeirão Preto, no início da década de 60, depois de abrir várias fazendas em zonas novas do Sul. Fêz a primeira derrubada na Amazônia e plantou os primeiros cem alqueiros de capim colônio para criar gado. Fez tudo por conta própria, antes que o Governo lançasse os incentivos fiscais. E, assim abriu uma nova frente.

Quando vieram os incentivos fiscais, com a Sudam oferecendo 75% do capital neces-

sário a um projeto de criação de gado na Amazônia, a frente já estava aberta. E houve a corrida: Carlos Meimberg de Almeida, Flávio Pinho de Almeida, Eduardo Celestino Rodrigues, Severo Fagundes, Gomes, Sérgio Assunção de Toledo Piza, Vicente Sampaio Góes Neto, Paulo Quartim Barbosa, Renato Costa Lima e muitos outros empresários foram abrir fazendas na bacia Amazônica, rompendo picadas com mateiros, abrindo longos trechos de estrada, fazendo campos de pouso.

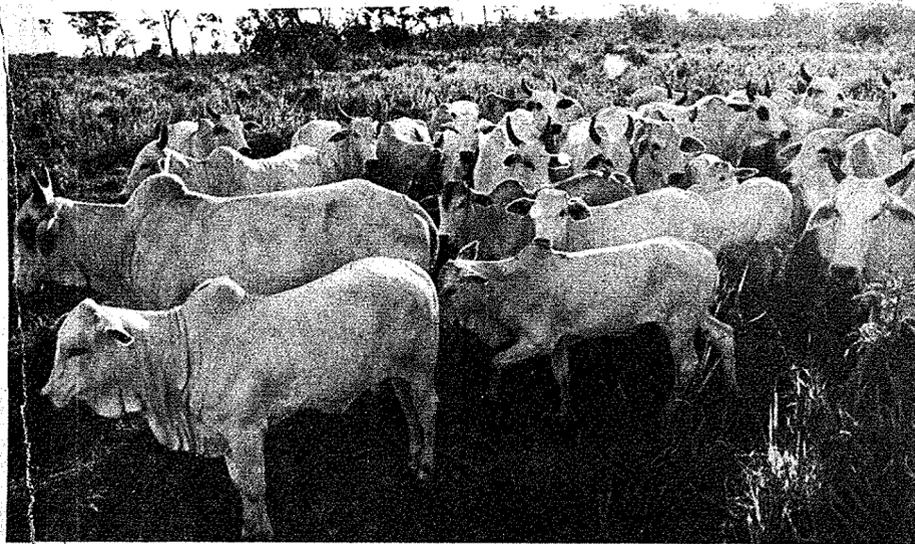
O avião está abrindo a Amazônia como o jipe abriu o Norte do Paraná e o Sul de Mato Grosso. Exemplo da importância desta corrida de fazendeiros de São Paulo para a Amazônia: a Taxi Aéreo Londrinense, uma empresa de aviões de aluguel, com sede

em Londrina, mudou-se para Belém do Pará e cresceu rapidamente. Hoje, com 12 aviões Azteca e Cessna, ela se prepara para adquirir aviões a turbo-hélice.

Grandes empresas acompanharam a corrida dos empresários. Lá estão o Mappin, desenvolvendo a sua fazenda, e o Bradesco, que acaba de comprar 2.000 novilhas nobres. Hoje, só a região do Sul do Pará deve estar com 50 mil matrizes formando o seu rebanho. O Sul do Pará é uma das principais regiões da Amazônia, atingidas pelo surto. E não é a maior. Está hoje com 81 projetos em andamento — fazendas sendo formadas, somando quase meio bilhão de cruzeiros novos de investimentos e colonizando cinquenta e quatro mil hectares de terra.



No tempo da derrubada há trabalho para 650 homens.



5.800 cabeças de gado. É o rebanho da Duas Âncoras.



Vários países da Europa
caberiam dentro
da Amazônia legal. Essa enorme
extensão de terra,
há poucos anos uma mata
inexplorada, está começando
a ser conquistada. A fazenda
Campo Alegre é um exemplo disto.

SELVA, DEPOIS FAZENDA.



Os trabalhadores da Fazenda Campo Alegre estão fixados na Amazônia.

Há dois anos, o fazendeiro Henrique Vita passou dois dias com a sua Rural atolada num barreiro, num ponto do mapa que só poderia ser localizado em latitudes e longitudes. Nada havia por perto daquele lugar que servisse de referência, a não ser uma senda, no cerrado barrento em área compreendida entre o baixo Araguaia e a Belém-Brasília, muito ao Norte da Ilha do Bananal. Hoje, Henrique Vita pode passar com uma perua pelo lugar em que ficou atolado, por uma estrada de duzentos e cinquenta quilômetros, revestida de cascalho, que vai de sua fazenda até a Belém-Brasília.

Henrique Vita nasceu em Roma, morou muito tempo em São Paulo, trabalhando num escritório imobiliário, até que, há cinco anos, resolveu ser fazendeiro e comprou grandes glebas na Amazônia. O fazendeiro está, atualmente, desenvolvendo cinco projetos do grupo Celestino-Maltoni: ele formou a Fazenda Campo Alegre nas terras que comprou sem conhecer Henrique Vita somente sobrevooou a área, antes de comprá-la, ajudou a construir a estrada que liga a fazenda à Belém-Brasília.

A estrada sai da fazenda rumo ao Leste, fazendo uma trajetória pouco abaixo do paralelo 9; vai até um vilarejo chamado Barreira do Campo, na margem esquerda do Araguaia; cruza o rio em uma hora de balsas (comprada pelos proprietários da fazenda); entra na embocadura do rio do Coco, afluente do Araguaia; e continua por terra por mais duzentos quilômetros. O fim da estrada é num lugarejo que surgiu no meio do trajeto da Belém-Brasília, chamado Paraisópolis. No Pará, em qualidade, esta estrada é das melhores; em extensão, na Europa poderia ser considerada uma grande estrada.

Mas antes da estrada ser aberta as coisas eram difíceis. Vita, com seu cunhado Geraldo, criado nas praias de São Sebastião, e neto de fazendeiro da estirpe Ramalho, e Raul, um sossegado agrimensor de São Paulo, embrenhou-se na mata. Começou dividindo a enorme gleba em cinco fazendas; uma já está pronta, as outras, em formação. Seu vizinho mais próximo é Renato Costa Lima.

A primeira derrubada foi feita por quinhentos homens, contratados por um empreiteiro. O primeiro problema: a malária. A doença chegou a atingir mais da metade dos trabalhadores.

Hoje, a estrada faz um trevo na porta da primeira fazenda pronta; no trevo, há setas indicativas, como nos lugares onde existe uma grande rede rodoviária. Na estrada da fazenda, há uma "casa de triagem", que tem a função de não deixar entrar na fazenda Campo Alegre duas coisas: armas e maleita.

Quanto às armas, não há problema: as pessoas que chegam entregam o revólver ou a peixeira levam um recibo e podem entrar. O caso da malária é mais complicado. O indivíduo chega e lhe tomam uma gota de sangue. Daí para a frente, sua vida dentro da fazenda é controlada. Logo depois, esta gota de sangue é examinada. Se o resultado for positivo, começa o tratamento. Para enfrentar a malária,

a Fazenda Campo Alegre contratou o ex-administrador do Serviço da Malária em São Paulo.

Irineu Meirelles, com 36 anos de combate à malária no Estado de São Paulo e um curso de especialização no México pela Organização Mundial de Saúde, apresentou-se e agora cuida da malária na Fazenda Campo Alegre. Nas horas vagas — como a maioria dos aposentados — lembra-se do seu esporte predileto, a pesca. É um homem alegre: "Hoje para o almoço tem surubim com leite de coco. Rio daqui é uma beleza: tem surubim, fidalgo, cachorra, mandi, tucunaré, piroisca, pirarara. O maior é o filhote, um colosso".

Meirelles parece tão apaixonado pelo surubim do rio Monte Alegre como pelo seu laboratório de malária e pelo seu pequeno hospital particular, no meio da bacia amazônica. A cada pessoa existente dentro da fazenda, corresponde, em seu laboratório, uma lâmina de vidro com uma gota de sangue. O seu laboratório está com oitocentas e trinta lâminas. "Veja que maravilha de lâmina", Meirelles põe uma gota de colorido contrastante numa lâmina do seu arquivo, ajeta-a no microscópio e mostra o colorido esplêndido, as formas fascinantes do agente da malária. Se o leigo não percebe bem a maravilha da malária, ele explica: "Um plasmodium falsiparum com formas gametocíticas. Uma lâmina rara, vou mostrá-la em São Paulo". Depois, explica que o proprietário daquela maravilhosa gota de sangue está num grau extremo de malária, sendo tratado com todo carinho no hospital da Fazenda. Quando o doente melhora, pode mover-se, tratar de si mesmo e até trabalhar; depois, continua fazendo o tratamento.

A malária é um dos maiores problemas das fazendas que estão sendo abertas nesta região da Amazônia. Os homens contratados às centenas para a derrubada, chegam num estado de saúde penoso. No laboratório de Meirelles, o total das lâminas está dando hoje uma porcentagem de 30% de casos positivos. Mas essa porcentagem já foi de 60%.

O peão que chegou à fazenda há cinco anos, vindo do Ceará, sem família, muito atacado pela malária, contratado para o trabalho sazonal da derrubada, já estava melhor. Foi então contratado para um serviço fixo. Trabalhou bem, enquanto ia melhorando. Encontrou uma moça nascida por perto e casou-se com ela. Está agora, morando numa casinha fôca.

Nestes próximos meses, a Fazenda Campo Alegre vai inaugurar a nova sede, com um grupo de boas casas de alvenaria para os empregados fixos, casados; cada casa terá um bom terreno para o jardim e o pequeno pomar. O peão vai morar lá com a mulher. Agora já tem um filho, e logo vai nascer outro. O peão está fixo àquela terra.

As famílias vão aumentar e os filhos vão crescer lá. O peão é um símbolo perfeito da fixação de um brasileiro à nova terra conquistada, a Amazônia. O peão da Fazenda Campo Alegre é semelhante aos de duzentos e cinquenta e um projetos que, neste momento estão sendo desenvolvidos na área da Sudam.



A erva, que é chamada na Amazônia de "cafézinho", é um arbusto forte, que cresce num caule fino e chega a ter até dois metros de altura. O gado que come a erva fica doente e morre.



O touro Matão é o mais bonito de toda a Bacia Amazônica. Quem acha isso é o seu dono, Henrique Vita, o proprietário da fazenda Campo Alegre.

OS PEÕES NA SUA FESTA DO CAFEZINHO, A ERVA DA MORTE.

Esse domingo é dia de "festa da erva". Os peões que trabalharam a semana inteira vão chegando pela manhã, bem mais tarde que nos outros dias. Todos podem tomar café na sede da fazenda. Depois, saem, num bando, batendo o pasto. A tarefa deles é percorrer o pasto já formado e pronto para receber o rebanho, e ir arrancando a "erva".

A "erva", para a gente do lugar, chama-se "cafézinho". É um arbusto forte, de folhas largas; cresce num caule fino e vai-se ramificando até um ou dois metros de altura. O gado come a "erva" e morre. A perda no rebanho chega a ser considerável. Os fazendeiros já trouxeram uma mostra da planta para exames em São Paulo, mas não se conseguiu ainda, uma forma de eliminá-la. Ela nasce na formação do pasto novo.

Henrique Vita achou um jeito de combater o "cafézinho". Quando o pasto está pronto para ser entregue às reses, ele faz a "festa da erva". É um domingo alegre, que começa com uma manhã de trabalho no campo. A administração da fazenda paga 20 centavos por pé de erva apanhado. A peçoada trabalha a manhã toda, enquanto, no pátio da sede, um braseiro grande, feito especialmente para a ocasião, vai assando o churrasco. Lá para o meio-dia, os peões voltam do pasto carregando maços enormes da erva. Um funcionário da fazenda vai recebendo cada peão, contando os pés e fazendo na mesma hora o pagamento. Alguns carregam até mais de 60 pés. Dinheiro no bolso, o peão segue para o pátio da sede; chega no braseiro e vai retirando o seu espêto com os enormes nacos de carne, de uma excelente res abatida na véspera. De bebida, "quissuque" (Ki-Suco) e limonada. Alcool não entra por lá. A festa vai-se prolongando; ao cair da tarde, aparece um violão; daí a pouco, uma sanfona, um instrumento de percussão — e começa a cantoria. Um caboclinho, vindo de uma vila à beira da Belém-Brasília, tem uma voz que deixa a peçoada cheia de emoção. Canta de olhos fechados. Depois começa o baile. A primeira dama a ser tirada na varanda da sede é a Sebastiana, moreninha de 18 anos que foi para lá acompanhando o irmão, na derrubada. Agora, ajuda a cozinheira, dona Maria.

"Quantas moças vocês são aqui na fazenda, Sebastiana?"
"Tem eu, a Maria, minha irmã, a Iolete, que tem 15 anos, a Lídia e aquela outra que mora com a Silvana". Este é todo o elemento feminino. A peçoada fica fora da varanda, firme no rezevamento. E assim o baile na fazenda Campo Alegre.

Vita e seu companheiro, Geraldo, estão trabalhando duro, mas já sentem os resultados: a fazenda entra em regime de produção e se humaniza. Um pedaço de terra definitivamente conquistada na Amazônia.

Quando vê os jornalistas na fazenda, Vita não se contém: "Pelo amor de Deus, tirem um retrato do Matão e publiquem no jornal. O Matão é uma verdadeira maravilha." É seu único pedido. Para ele, Matão é o touro mais bonito da bacia Amazônica.

Assuntos
Brasileiros

UMA MÔÇA BONITA, NA SELVA AMAZÔNICA.

Dona Bartira e seu marido viviam em uma casa coberta de palha, ao lado do rio. Então ela quis montar uma fazenda, e a SUDAM ajudou.

Dona Bartira, moça bonita de Lins, filha de uma família de prestígio, casou com José Carlos Perches, fazendeiro rico do lugar. Três meses depois, foi morar com ele em uma casa coberta de palha, de chão batido e paredes de barro amassado sobre lascas de taquara. Levantava-se todos os dias à quatro horas da manhã, fazia feijão, arroz e jabá para os peões. De tardinha, quando o sol baixava tinha roupa para lavar na beira do rio.

Isso foi em 1964. Dona Bartira seguiu com o marido, de avião, até Aragarças, uma vila perdida na confluência dos rios das Garças e Araguaí — uma vila que só se chegou a ter notícia em 1956, quando alguns militares a escolheram para sede de um movimento contra o presidente Juscelino Kubitschek.

De Aragarças, o casal subiu por uma estradinha precária até atingir, muitas horas depois, o lugar onde José Carlos fez a primeira palhoça. Ali, onde só havia mata, começava a existir a Fazenda Brasil.

Em junho de 1964, bem antes de aparecerem a Sudam — Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia e os incentivos fiscais, três fazendeiros de Lins — Geraldo Andrade de Carvalho, Ibraim Tôrres Filho e José Carlos Perches — resolveram abrir uma fazenda na Amazônia. Em 1966, quando surgiram, com a Sudam, os incentivos fiscais, eles já haviam provado a si mesmos que o empreen-

dimento era economicamente viável; com as verbas da Sudam, o êxito multiplicou-se. A fazenda virou um projeto e ganhou outro sócio, Flávio de Carvalho.

Dona Bartira, fazendeira na Baía Amazônica, vive hoje com seus dois filhos e o marido numa casa que tem todo o conforto possível, construída no centro de muitas outras, em frente a uma pista de aviões. "Está vendo aquela pele na parede? Pergunta ela. É de uma onça abatida a tiros aqui da janela".

Quando os dois filhos atingirem a idade escolar, dona Bartira vai morar num apartamento em Copacabana. No momento, está aproveitando a última fase de sua aventura na Fazenda Brasil. Ali vivem 29 famílias de trabalhadores fixos. Em frente à sede, existe um lago; a casa das máquinas tem dois motores de 140 e 120 kva., que fornecem a energia elétrica. Há ainda a enorme oficina mecânica, os dois caminhões, os dois tratores, o jipe, a perua C-14 e um aviãozinho.

Todos os dias, ao anoitecer, dona Bartira chama Lins pelo aparelho SSB e conversa com sua mãe. Esse mesmo aparelho é usado, também, para comunicações com o aviãozinho.

O resto da fazenda é muita mata, capim colônias nas invernadas, jaraquá nos varjões mais úmidos — e o rebanho Nelore e Gir, gado fino, registrado, vindo de Ponta Porã.



Dona Bartira cria gado Nelore e Gir, gado fino, vindo de Ponta Porã.

A CHEGADA DE UM ESTRANHO ANIMAL, O CAVALO

Quando o primeiro cavalo chegou à fazenda, há três anos, todos se assustaram. E quando chegou o trator, pouco depois, todos fugiram.

No terceiro ano de implantação, a Fazenda Jaboti, na região de Paragominas, a cerca de 200 quilômetros ao sul de Belém, fechou o seu balanço com lucro. Há três anos, os homens que vieram abrir a fazenda trouxeram o primeiro cavalo. A gente da região não conhecia, assustou-se. Pouco depois, roncou ali o primeiro trator. Mulheres e crianças correram para o mato. Em seguida, plantou-se o capim colônias para alimentação do gado e vieram rebanhos, trazidos do Sul, para fazer o pisoteio, que completa a formação dos pastos. Atingindo o terceiro ano, com pastos prontos para receber o gado que vai iniciar definitivamente a criação da fazenda, o rebanho de pisoteio (cinco mil bois gordos) foi vendido para Belém do Pará e para a Guiana Francesa.

Os dois fazendeiros responsáveis por isto são advogados. José Carlos Villela de Andrade e Manuel Elpidio Pereira de Queiroz conheceram-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Formaram-se juntos e foram parar juntos na Amazônia. Diz Villela: "Soube que, no Pará, havia mata virgem a duzentos quilômetros de Belém, terra barata. Vi que Belém deveria transformar-se na nova porta de saída para exportação do gado".

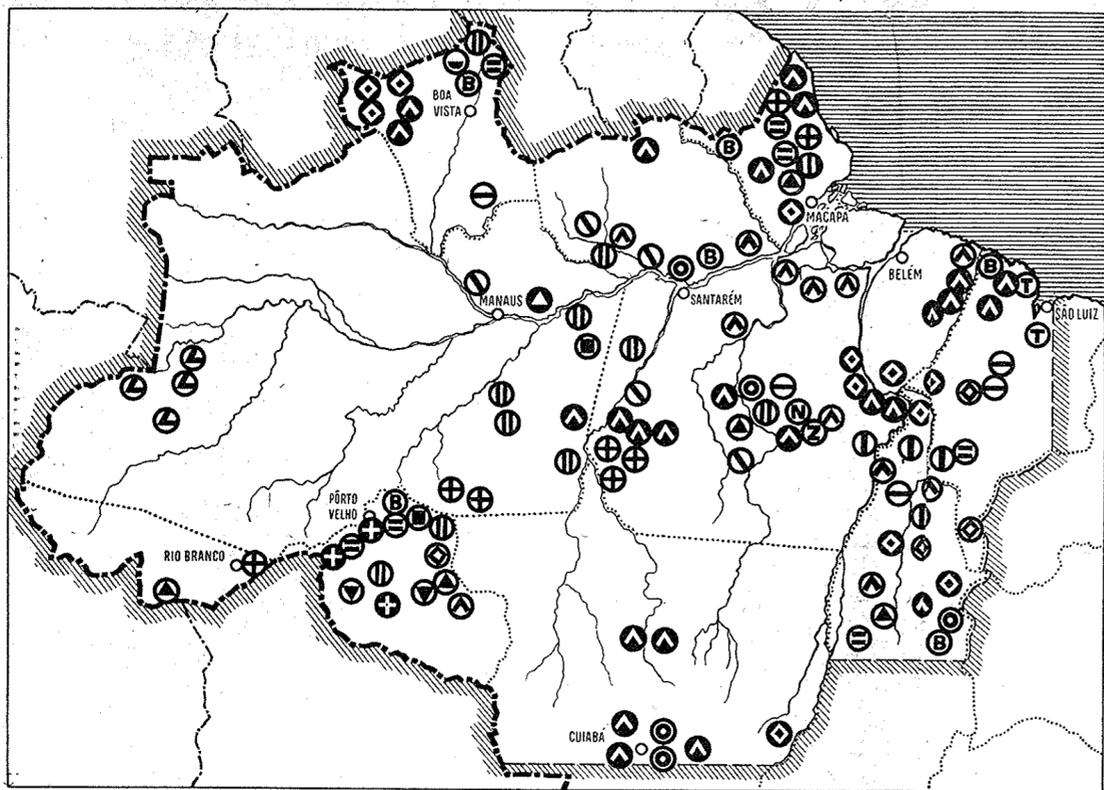
Ainda não havia a Sudam, nem incentivos fiscais em 1966, quando ele pegou um avião e foi sobrevoar a zona. Achou tudo bom. Clima sempre quente, sem a entressafra que faz o gado perder peso, como no Sul. O bom, que em São Paulo leva 12 meses para engordar, lá não iria precisar de mais de oito. As poucas reses que ele

viu por lá tinham um pelo liso, como nunca vira: "Pelo liso é sinal de saúde". Acabou comprando muita terra. Vinte e oito mil alqueires por um preço baixíssimo e longo prazo para pagar. Depois, quando vieram os incentivos da Sudam, Villela fez o seu projeto com Manuel Elpidio.

O advogado José Carlos Villela de Andrade é filho e neto de grandes fazendeiros em Tambaú, Casa Branca, São João da Boa Vista e outras áreas de São Paulo. Saiu da Faculdade de Direito, mas não abandonou o gosto pela fazenda. Fez a sua primeira investida na Alta Paulista, há alguns anos. Quando o Estado começou a ficar saturado, foi abrir terras em Guaira, no Paraná, e acabou desbravando Mato Grosso, com uma fazenda em Dourados. Agora, gordo, forte, com 48 anos — consegue fechar o seu balanço com lucro na região amazônica.

Manuel Elpidio, seu companheiro, também vem de uma antiga família de fazendeiros de São Paulo. Seu bisavô, um outro Manuel Elpidio, fazendeiro de Jundiá, acabou conhecido como cronista da vida rural de São Paulo, no século XIX. Há um século, ele saiu de Jundiá, vendendo burros, cruzou o Estado, atravessou o Vale do Paraíba fazendo negócios e escrevendo um diário, transformado em livro por sua neta Carlota Pereira de Queiroz, mulher ilustre de São Paulo.

Manuel Elpidio, o bisneto, continuou as andanças. Passou pelo Vale do Ribeiro, pelo Norte do Paraná e chegou à Amazônia, na região de Paragominas, junto com Villela, ganhando dinheiro e abrindo o sertão.



LEGENDA					
●	Extração	○	Ocorrência		
⊗	LINHITA	⊗	NIÓBIO-TÂNTALO	⊗	PRATA
⊙	CARVÃO	⊙	COBRE	⊙	BAUXITA
⊕	FERRO	⊕	CHUMBO	⊕	TITÂNIO
⊖	MANGANÊS	⊖	ZINCO	⊖	URÂNIO
⊗	COBALTO	⊗	ESTANHO	⊗	TÓRIO
⊙	NIQUEL	⊙	OURO	⊙	DIAMANTE

Mapas de Erkki Bohn

Mostramos neste mapa a localização de minérios na Amazônia. Este é um novo mapa da Amazônia, uma região já ocupada por brasileiros e que representa mais da metade do nosso território. Nela estão todas as idades geológicas, desde as mais antigas rochas do globo até os recentes sedimentos quaternários da idade moderna.